



# FENÔMENO FONÉTICO-FONOLÓGICO DE VARIAÇÃO DA CONSOANTE LÍQUIDA LATERAL /L/ PRESENTE O VERNÁCULO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE MUTUCA

CRISEIDA ROWENA ZAMBOTTO DE LIMA

**RESUMO:** o trabalho propõe-se a apresentar o fenômeno fonético-fonológico de variação da consoante líquida lateral // do vernáculo da comunidade quilombola de Mutuca, no complexo Boa Vida – Mata-Cavalo, município de Nossa Senhora do Livramento MT. A análise apresenta a variação do segmento fonético no(s) falar(es) dos quilombolas, usuários do dialeto cuiabano, sem escolaridade, acima de 45 anos. Os pressupostos da sociolinguística laboviana e das pesquisas dialetológicas realizadas sobre o português popular caipira orientaram a coleta e interpretação dos dados. Verificou-se que o vernáculo de Mata-Cavalo apresenta as mesmas características conservadoras encontradas no dialeto caipira falado em outras regiões do país.

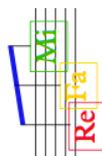
**PALAVRAS-CHAVE:** Português Brasileiro. Rotacismo. Falar cuiabano.

## 1. INTRODUÇÃO

Estudar a história de Mata-Cavalo é tropeçar na história sociolinguístico-cultural da formação de Mato Grosso, principalmente no que diz respeito à contribuição da ação dos bandeirantes e a língua que penetrava nos sertões do Brasil. De acordo com Santiago-Almeida (2009), as análises de textos antigos têm fornecido argumentos para as discussões sobre a natureza e origem do português brasileiro e as descrições linguísticas realizadas nas rotas das bandeiras têm atestado o caráter conservador em determinadas regiões, principalmente as denominadas caipiras, por onde os bandeirantes

paulistas que se organizavam em bandos imensos de mamelucos e, por meses e até anos, se deslocavam a pé, descalços, nas bandeiras, ou remando as canoas nas monções, e metendo-se pelos sertões interiores com suas famílias, servidos por muitos índios já escravizados, caçando outros nativos para a mesma finalidade e, conseqüentemente, expandindo o território da colônia portuguesa (SANTIAGO-ALMEIDA, 2009, p. 11)

ZAMBOTTO DE LIMA, C. R. © fenômeno fonético-fonológico de variação da consoante líquida lateral /l/ presente o vernáculo da comunidade quilombola de mutuca. Revista falange Miúda, Ano 2, N. 1, jan.-jun., 2017. [www.falangemiuda.com.br]





O levantamento sócio-histórico, bem como linguístico do português brasileiro falado nessa região apresenta fortes evidências de uma deriva conservadora e de condições linguísticas locais favoráveis ao seu vigor, uma vez que a língua indígena *borora* não apresenta esse fonema (COX, 2005). A princípio, nossa hipótese verificou que o português de Mata-Cavalo apresenta as mesmas características conservadoras encontradas no dialeto caipira, que segundo Amadeu Amaral “hoje, acha-se acantado em pequenas localidades [...] e na boca das pessoas idosas” (1920, p. 42).

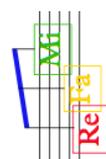
## 2. contexto histórico: a localidade de Mata-Cavalo

O Complexo Boa Vida – Mata-Cavalo localiza-se no município de Nossa Senhora do Livramento, a aproximadamente 50 quilômetros de Cuiabá, às margens da rodovia MT-60, que liga Cuiabá a Poconé. Estudar a história de Mata-Cavalo é tropeçar na história sociolinguístico-cultural da formação de Mato Grosso, principalmente no que diz respeito à contribuição da ação dos bandeirantes no processo de colonização. Segundo Ferreira (1997, p. 235-7), a ocupação da região onde hoje se localiza o município de Nossa Senhora do Livramento iniciou-se com a descoberta, em 1730, de lavras de ouro às margens do Ribeirão dos Cocais pelos sorocabanos Antonio Ayres e Damião Rodrigues. Temendo os altos impostos cobrados pelo Estado Português e a baixa na produção aurífera que não mais apresentava o vigor do início da exploração, mineiros de Cuiabá rumaram para o interior à procura de novas minas.

Nesse momento de interiorização, entre 1726 e 1727, mineiros que fugiam das perseguições do Capitão General Rodrigo César<sup>1</sup> descobrem ouro, às margens do Ribeirão dos Cocais, a três quilômetros do local onde mais tarde se formou o povoado que viria a ser a sede do município de Nossa Senhora do Livramento.

Com o fim do ciclo da mineração, alguns componentes das bandeiras retornaram à antiga forma de vida dos paulistas pioneiros que chegaram em terras mato-grossenses, no início de século XVIII. Buscaram alternativas para garantir a sobrevivência, sintetizando o *modus vivendi* caipira. Assim, o que antes era apenas área de correrias dos velhos paulistas, na caça aos índios e busca de ouro e outros metais preciosos, se transforma numa vasta região de “cultura caipira”, onde se instalam economias de subsistência, associadas a atividades domésticas e artesanais. Formaram-se, a partir de então, núcleos rurais nos quais conviviam

<sup>1</sup> Capitão General Rodrigo César de Menezes era governador da Capitania de São Paulo.





grupos unificados por hábitos, práticas religiosas e formas coletivas de trabalho e lazer, entre eles o núcleo da comunidade de Mata-cavalo.

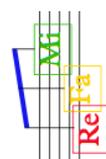
A comunidade surge ainda à época da escravidão, no ano de 1883, quando em vida Ana da Silva Tavares, esposa do antigo proprietário Ricardo José Alves Bastos, faz a doação de uma área da sesmaria Boa Vida a seus escravos:

[...] por ela Dona Ana da Silva Tavares me foi dito que sendo senhora e possuidora de uma parte do ribeirão denominado Mata-Cavalo, com suas vertentes, de cuja parte faz doação a seus escravos, inclusive os que se libertaram por ocasião do inventário do seu finado marido, estimando no valor de cento e cinqüenta mil réis, podendo os doados tomarem posse quando quiserem [...]. (Escritura de doação, Livramento, 15-09-1883; livro de registro 1883-1884; cartório de Livramento – MT)

Os beneficiários da doação, descendentes de escravos e ex-escravos, formaram em Mata-Cavalo uma sólida organização comunitária. Desde então, a comunidade luta para fazer valer seus direitos, enfrentando fazendeiros e posseiros interessados em suas terras e práticas políticas coronelistas. As famílias residentes se agruparam em dois núcleos principais: Mata-Cavalo e Mutuca, mas o complexo Sesmaria Boa Vida – Mata-Cavalo é constituído por sete áreas: *Ourinhos, Estiva, Aguaçu, Mata-Cavalo, Mata-Cavalo de Cima, Mutuca e Capim Verde-Ventura*. Segundo o *Diário Oficial da União*, de 28 de outubro de 1999, a área total é de 11.722 mil hectares, onde vivem aproximadamente 300 famílias.

A comunidade subsiste das plantações de banana, milho, mandioca, abóbora, arroz, cana e da produção de seus derivados que gera excedentes que são comercializados na sede do município. Além de roças, possuíam engenhos e criações.

A vida dos remanescentes de escravos não foi tranquila, segundo os relatos dos quilombolas; eles se viram pressionados por um ininterrupto processo de expulsão de suas terras. A violência passa a ser um dado do cotidiano vivido entre os anos de 1893-1944. Muitos, se sentindo amedrontados, saíram de Mata-Cavalo. O governo do estado de Mato Grosso chegou a criar assentamentos em áreas marginais urbanas de Cuiabá (Ribeirão do Lipa) e Várzea Grande (Capão do Negro, hoje Cristo Rei) para instalar a população rural negra de Nossa Senhora do Livramento (MOURA, 2001, p. 21).





Um grupo na área denominada Mutuca resistiu aos jagunços e queimas de roças e constituíram um laço de manutenção entre a terra e seus verdadeiros donos, conseguindo assim conservar a posse de 200 hectares de terra.

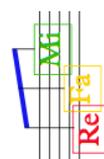
Na região da Mutuca surgiram mecanismos de resistência grupal, através do avivamento da memória do grupo, da afirmação da ancestralidade e do parentesco, criando, assim, uma teia de relações entre seus membros (ZAMBOTTO DE LIMA, 2005). A comunidade remanescente da Mutuca se configura como núcleo de resistência e representa o vínculo entre terra e herdeiros, possibilitando, inclusive a volta de outros quilombolas para as outras áreas do Complexo Boa Vida – Mata-Cavalo. É devido a esse vínculo conservador com a terra e os costumes dos que vivem nela, que a comunidade da Mutuca foi escolhida para representar o vernáculo de Mata-Cavalo.

### 3. A hipótese de conservadorismo

O Vale do Rio Cuiabá, formado pela capital do estado de Mato Grosso, Cuiabá, e pelos municípios que margeiam as bacias hidrográficas dos rios Cuiabá e Paraguai, tem despertado interesse dos estudiosos da linguagem, sobretudo pelos traços peculiares do português popular das pessoas da baixada, doravante “falar cuiabano”. A necessidade de verificações empíricas do português do Brasil correspondentes às diferentes regiões geográficas fora enfatizada por Amadeu Amaral em seu estudo *O Dialeto Caipira*, de 1920. O tratamento sistemático da variação diatópica, dado por este autor, nos níveis fonético, morfológico e sintático, acrescido de um vocabulário típico, fortaleceu o interesse de se fazer uma descrição dos falares regionais do Brasil.

O interesse em investigar a variedade falada em Mata-Cavalo foi motivado por duas razões. A primeira devido ao fato de tratar-se de uma variedade ainda pouco explorada, inserida na área do falar cuiabano. No âmbito das poucas pesquisas linguísticas realizadas sobre este dialeto, destacam-se trabalhos voltados para os aspectos fonético-fonológicos, os trabalhos acadêmicos: Palma (1984), Souza (1999), Santiago-Almeida (2000) e Dettoni (2003), e os livros *Do falar Cuiabano* (DRUMMOND, 1976) – que trata de alguns aspectos gerais do falar de Cuiabá e *Vozes Cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso* (COX e SANTIAGO-ALMEIDA, 2005) e *Que Português é Esse? Vozes em conflito* (COX, 2008). A segunda é a necessidade de descrever e estudar essa variedade de caráter bastante marcado em relação a vários fenômenos fonológicos, morfológicos e sintáticos que lhes conferem singularidades quando comparadas a

ZAMBOTTO DE LIMA, C. X. O fenômeno fonético-fonológico de variação da consoante líquida lateral /l/ presente o vernáculo da comunidade quilombola de mutuca. *Revista falange Miúda*, Ano 2, N. 1, jan.-jun., 2017. [www.falangemiuda.com.br]





outras variedades regionais do português brasileiro e relacioná-la à variedade “caipira”, considerando sua formação, ainda no século XVI, e expansão pela ação dos exploradores, que adentraram o Brasil Central nos séculos XVII e XVIII.

A análise apresenta a variação do segmento fonético no(s) falar(es) dos quilombolas, usuários do dialeto cuiabano, sem escolaridade, acima de 45 anos. Os pressupostos da sociolinguística laboviana e das pesquisas dialetológicas realizadas sobre o português popular caipira orientaram a coleta e interpretação dos dados. Para a coleta foram gravadas entrevistas semi-dirigidas com falantes da comunidade. Neste recorte foram utilizadas as entrevistas de 20 quilombolas cuja faixa etária é de 45 a 99 anos, todos moradores da comunidade, com baixa escolaridade. A partir da transcrição fonético-fonológica e da análise comparada à linguística descritiva do português caipira constatou-se a hipótese conservadora da deriva do português.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, partiu-se da hipótese segundo a qual a variedade do falar cuiabano revelaria aspectos conservadores do dialeto caipira relacionado à época das expedições bandeirantes e à variedade do dialeto caipira falada atualmente.

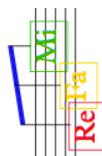
Para a verificação da hipótese, optamos por uma abordagem teórico-metodológica interdisciplinar, definindo possíveis contextos linguísticos e sociais que pudessem favorecer a observação dos fenômenos que contribuem para a conservação. As propostas da sociolinguística, da dialetologia e da linguística histórica nortearam o trabalho na coleta de dados, na descrição e na análise dos fenômenos.

De acordo com Santiago-Almeida (2000, p. 124), os estudos sobre a evolução histórica da língua portuguesa que apontam traços antigos no português brasileiro (PB) não são recentes. As análises de textos antigos têm fornecido argumentos para as discussões sobre a natureza e origem do PB e as descrições linguísticas realizadas nas rotas das bandeiras<sup>2</sup> têm atestado o caráter conservador em determinadas regiões brasileiras. Nas décadas de sessenta e setenta do século vinte, o falar cuiabano passou a sofrer grande influência dos migrantes da região sul do Brasil.

O movimento das bandeiras paulistas em direção ao Centro-Oeste foi, sem dúvida, responsável pela criação de Mato Grosso e pela “irradiação” do dialeto caipira que se estabelecerá definitivamente com o esgotamento do ciclo do ouro, obrigando muitos dos que compunham as bandeiras a fixarem moradia na região. É um novo modo de vida que se difunde paulatinamente a partir das antigas áreas de mineração e dos núcleos anclares de produção de

<sup>2</sup> Acerca das acepções da lexia *bandeira* e suas derivadas consultar Megale (2000: 15-48).

ZAMBOTTO DE LIMA, C. X. © fenômeno fonético-fonológico de variação da consoante líquida lateral /l/ presente o vernáculo da comunidade quilombola de mutuca. *Revista Falange Miúda*, Ano 2, N. 1, jan.-jun., 2017. [www.falangemiuda.com.br]





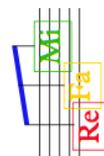
bens de consumo. A população caipira, integrada em bairros, preenche então, as condições mínimas de sobrevivência (RIBEIRO, 2005, p. 382-5). Esse cenário de possível de isolamento ou de “imobilismo cultural” (CUNHA, 1986, p. 203) permaneceu por muito tempo. Pode-se deduzir que a variante linguística usada pelos mamelucos e mestiços na região não teria encontrado barreiras numa cultura predominantemente oral.

O predomínio da língua geral paulista, na região das minas, se dá até o início do século XVIII. A partir de então, “a língua portuguesa começa a se espalhar entre a população brasileira até chegar à situação atual” (NARO E SCHERRE, 1993, p. 438). Foi a partir da difusão da população nos interiores brasileiros que “a linguagem bandeirante se fixou e tendeu a se conservar sempre a mesma” (MELO, 1981, p. 92-3). Para o autor essa linguagem teria sido, fundamentalmente, o dialeto caipira. De acordo com Santiago-Almeida (2000, p. 25), o que se pode deduzir é que o substrato linguístico da região de Mato Grosso, somado ao contexto histórico, contribuiu para que “ainda hoje encontremos, em pleno vigor, no dialeto da Baixada Cuiabana, muitos traços atribuídos, por Amaral (1920), ao dialeto caipira”.

Para a hipótese conservadora, os traços linguísticos encontrados no português do Brasil seriam devidos mais à característica de conservação do português do primeiro século de colonização do que às inovações aqui introduzidas. Assim, enquanto o português de Portugal sofria processos de mudança que lhe dariam as feições atuais, o português do Brasil, “pelo isolamento das populações transplantadas, teria mantido aqui as características de antes da mudança” (PAGOTTO, 2005, p. 33). Câmara Júnior (1985:30-31) ao sustentar a tese do caráter conservador do mundo rural afirma que “sobrevivências de traços portugueses arcaicos não se eliminaram de áreas isoladas ou laterais em relação às grandes correntes de comunicação da vida colonial”. É provável que houvesse dois tipos de português falado: um falado no interior, mais arcaico, portanto mais próximo do falar paulista/caipira, outro falado na cidade, com aspectos inovadores. A região de povoamento paulista sempre ficou à margem das inovações ocorridas na metrópole, e “então o português aí falado pode ser um português arcaico” (CASTILHO, 2001, p. 59). Cunha, por sua vez, defende, de forma polêmica, que o fato de ter a língua portuguesa se desenvolvido no Brasil, durante séculos, em “condições sócio-culturais mais propícias à conservação do que à renovação de suas formas” é uma “evidência que dispensa maior comprovação” (CUNHA, 1986, p. 202). Esse panorama do conservadorismo intenso só será em parte alterado no século XVIII e depois com a vinda da família real.

A tese do conservadorismo aqui adotada, a fim de explicar fenômenos existentes no falar da comunidade, não é expansão de uma ideia ligada ao possível prestígio que esse

ZAMBOTTO DE LIMA, C. X. © fenômeno fonético/fonológico de variação da consoante líquida lateral /l/ presente o vernáculo da comunidade quilombola de mutuca. *Revista Falange Miúda*, Ano 2, N. 1, jan.-jun., 2017. [www.falangemiuda.com.br]





conservadorismo impingiria, mas fruto de verificações empíricas atestadas por pesquisas linguísticas.

#### 4. CONSIDERAÇÕES SOBRE O COMPORTAMENTO DA CONSOANTE LATERAL ALVEOLAR

O fonema // realizou-se como vibrante [r] todas as vezes em que figurava como segunda consoante do encontro consonantal nas lexias do *corpus* para todos os falantes pesquisados. Esse resultado contundente evidencia que a gramática internalizada dos falantes da comunidade não produz encontros consonantais tautossilábicos com a lateral alveolar // na posição de segunda consoante, apenas a vibrante [r] pode ocorrer nessa posição. Os falantes dessa comunidade, à margem dos processos de escolarização, onde das forças centrípetas que agem sobre os usuários da língua, estão levando adiante uma deriva fonológica que se insinuara no latim vulgar e no português arcaico.

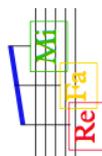
O rotacismo, além de registrado no Appendix Probi (século III d.C), fora atestado por Maia (1986) em pesquisa documental sobre o galego-português, entre os séculos XIII e XVI. Também a primeira gramática da língua portuguesa, escrita por Fernão de Oliveira, no início do século XVI, aponta a inclinação para o rotacismo: “sabemos q a forma e melodia de nossa lingua foy mays amiga de por sempre .r. onde agora escrevemos as vezes.l. e as vezes .r. como gloria e flores: onde dizia grorea e frores” (OLIVEIRA, 1933, p. 40).

O fenômeno é um aspecto fonético-fonológico do português amplamente estudado sob diferentes perspectivas e já fora anotado nos primeiros tratados sobre o português brasileiro como um traço característico da língua falada no Brasil.

Hoje, o rotacismo em encontro consonantal é característico das variedades estigmatizadas de todo o Brasil. Já o rotacismo em final de sílaba é característico de algumas regiões onde se fala o chamado “dialeto caipira” (interior de São Paulo e sul de Minas Gerais etc.) (BAGNO, 2007, p.145).

Durante a análise, confirmou-se a afirmação de Amaral (1920) de alguns traços desse português arcaico, interiorizados por meio do dialeto caipira, estariam vivíssimos na linguagem interiorana do Brasil. Porém, tem-se consciência de que o vernáculo de Mata-Cavalo não é um retrato fiel da variedade portuguesa que aqui chegou, no início do século XVIII, ou de um estágio passado da língua. Todavia, registraram-se indícios que não desautorizam a tese da conservação de traços e tendências presentes em uma ou mais fases da língua portuguesa.

ZAMBOTTO DE LIMA, C. X. O fenômeno fonético-fonológico de variação da consoante líquida lateral /l/ presente o vernáculo da comunidade quilombola de mutuca. *Revista falange Miúda*, Ano 2, N. 1, jan.-jun., 2017. [www.falangemiuda.com.br]



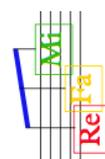


Dentre os segmentos analisados, a realização do rotacismo nos encontros tautossilábicos foi categórica nas duas faixas etárias. Cox (2005, p. 111-112) demonstra que a rotacização de // em /r/, ainda é, nos dias atuais, um fenômeno bastante produtivo na fala dos cuiabanos, não havendo, para o momento, sinais de uma tendência à neutralização. Muito provavelmente, essa conservação se deve ao fato de os membros dessa comunidade, principalmente os entrevistados, terem um contato menos ativo com algumas forças reguladoras de variações estigmatizadas.

Este estudo é apenas um esboço da variedade linguística rural usada pelos remanescentes de Mata-Cavalo. Há, ainda, um vasto campo de pesquisa a ser explorado em relação ao(s) falar(es) do Vale do Rio Cuiabá, de modo a se traçar um perfil mais completo dos traços que já mudaram, dos que estão mudando e dos traços que ainda se mantêm nessa variedade, apesar de toda pressão externa exercida pelo entorno linguístico contemporâneo.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Amadeu. **O Dialeto Caipira**. 3ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1920/1976.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- CAMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **História e estrutura da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.
- CASTILHO, Ataliba (org.) **Para a história do português brasileiro**. Vol. I. São Paulo: Humanitas, 2000.
- COX; SANTIAGO-ALMEIDA(org.). **Vozes Cuiabanas: estudos linguísticos em Mato Grosso**. Cuiabá: Catedral, 2005.
- CUNHA, Celso. **Conservação e inovação no português do Brasil**. In: *O Eixo e a Roda*. V. 5, Belo Horizonte: FAL, UFMG, p. 199-230, 1986.
- DETTONI, Rachel do Valle. **A concordância de gênero na anáfora pronominal: variação e mudança linguística no dialeto da baixada cuiabana – Mato Grosso**. 2003. 256 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG.
- DRUMMOND, Maria Francelina Ibrahim. **Do falar cuiabano**. Cuiabá: Grupo Gazeta, 1995.
- FERREIRA, J. C. Vicente. **Mato Grosso e Seus Municípios**. Estado de Mato Grosso. Editora Curitiba, 1997.
- MAIA, C. A. **História do galego-português**. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.
- MELO, Gladstone Chaves de. **A língua do Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1981.
- MOURA, A. Eustáquio de. **Coletânea de textos sobre o município de Nossa Senhora do Livramento e os remanescentes de quilombos de Mata Cavalo**. 2001.





NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Sobre as origens do português popular do Brasil**. *Delta*, v. 9, p. 437-454, 1993. (Número Especial).

PAGOTTO, E. **Variedades do português no mundo e no Brasil**. *Cienc. Cult.* [online]. 2005, vol.57, n.2, pp.31-34. ISSN 2317-6660.

PALMA, M. L. C. **Variação fonológica na fala de Mato Grosso: um estudo sociolinguístico**. Cuiabá: EdUFMT, 1984.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. **Aspectos Fonológicos do Português Falado na Baixada Cuiabana: traços de Língua Antiga Preservados no Brasil (manuscritos da época das Bandeiras, século XVIII)**. Tese (Doutorado). FFLCH/USP, São Paulo, 2000.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. **Vogais do falar ribeirinho cuiabano**. Tese (Livre-docência). FFLCH/USP, São Paulo, 2009.

SOUZA, Ulisdete Rodrigues de. **Fonologia do português mato-grossense: uma perspectiva crioulística**. Dissertação UNB, Brasília, 1999.

ZAMBOTO DE LIMA, C. R. **Aspectos fonético-fonológicos conservadores no falar de Mata-Cavalo**. Dissertação. PPGEL/UFMT, Cuiabá, 2005.

Sobre a Autora:

Criseida Rowena Zambotto de Lima

Doutoranda em Estudos de Linguagens (UFMT). Mestre em Estudos de Linguagens (UFMT). Especialista em Descrição do Português-Brasileiro (UFMT). Graduada em Letras (UFMT). Professora da Educação Básica da Rede Estadual de Educação de Mato Grosso e da Rede Municipal de Várzea Grande – MT. E-mail: [cris\\_zambotto@hotmail.com](mailto:cris_zambotto@hotmail.com)

